



## ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO A CLÍNICA DA AFETIVIDADE

Sara Letícia Bessa<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um modo de fazer a clínica do acompanhamento terapêutico (AT) a partir das trocas afetivas e como essa clínica vai se inventando na relação acompanhante-acompanhado. Algo extremamente desafiador para o cuidado em saúde mental indo, muitas vezes, além dos protocolos previstos em tantas especificidades, rompendo drasticamente com os moldes da clínica tradicional.

Fábio Araújo (2007) desde suas colocações sobre os “especialismos” e a política da amizade, já nos afirmou o quanto ser Acompanhante terapêutico nos obriga a pensar como um movimento sem setting privilegiado, presente em qualquer lugar onde a vida acontece, coloca em questão os limites dessa clínica, problematizando o que acontece com as pessoas quando são acompanhadas e quando acompanham. Muitas vezes o olhar do que se é produzido no cuidar em saúde mental passa somente nos efeitos que essa relação se dá em quem recebe o cuidado, esquecendo de pensar que existe um outro que acompanha e que também vive e sente cada andança pela vida.

Nesse sentido, esse texto pretende mostrar como um AT em sua atuação precisa considerar cada ação durante o acompanhamento não como ação isolada, ou unidirecional, mas uma ação compartilhada em que todos se colocam em cena durante o acompanhar. Olhando o cuidado como aquele que produz potência e opera muito além do corpo biológico, mas um corpo afetivo que contempla toda a existência das pessoas envolvidas, como seres completos, desejosos, sociais, cheios de expectativas, afetivo. (FRANCO, HUBNER, 2019)

Como seres afetivos e amorosos que somos assim como nos mostra Ana Suy (2022) estamos fadados a nos afundar quando não recebemos acolhimento, quando não recebemos amor, a autora introduz ainda a fala de que quando de que quando falamos de amor, não estamos dizendo somente do amor de um casal ou

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica e acompanhante terapêutica, sócia-idealizadora do Lugar de Encontro. [bessasaraleticia@gmail.com](mailto:bessasaraleticia@gmail.com)



par romântico, mas amor-amizade, por exemplo, o que costuma trazer muitas alegrias.

De forma muito singela essas reflexões fazem afirmar que é exatamente isso que acontece na relação entre AT-acompanhado, relação essa que produz sentimentos e sensações profundas de amor a partir de cada cena vivida, um amor que confere bordas, que não livra dos sofrimentos, das angústias da vida, que não preenche todas as faltas, mas um amor que produz sentido a partir de cada relação. Entendendo assim a clínica do acompanhamento terapêutico como – clínica do amor.

É sabido que para que o dispositivo amizade-clínica (acrescento aqui -amor), possa funcionar, assim como exposto por Silveira (2016) a amizade precisa ser entendida enquanto uma relação recíproca e de construção permanente, podendo ser vivida de diferentes e infinitos modos, díspares dos modos familiares, românticos, vislumbrando a potência terapêutica quando se abre para relações profundas e de afetamentos entre acompanhante-acompanhado.

O que acontece nos encontros terapêuticos são rompimentos de fronteiras, fugindo da neutralidade que definem, muitas vezes, as relações terapêuticas, permitindo indiferenciação, misturas de identidades e nesses embaraços e desejos de diferenciação entre acompanhante-acompanhado tem formação de vínculo e confiança necessária para fazer surgir novas formas de sentir, agir viver, novas produções de subjetividade. (SILVEIRA, 2016)

Corajosamente venho contar aqui algumas cenas de acompanhamentos pelos quais passei e pude vivenciar de forma bastante afetada ao longo desses anos acompanhando e sendo acompanhada. Falas que trouxe tanto no Simpósio de AT realizado em Recife em setembro de 2023 e como no XIV Encontro Catarinense de Saúde Mental realizado em outubro de 2023 em que apresentei o tema em uma oficina.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIAS**

Acho muito difícil falar de AT sem falar de afetividade, das trocas afetivas surgidas a partir de cada encontro. Nunca tinha pensado na intensidade que as relações produzem quando de fato nos dispomos a estar com o outro, ao encontro, e só fui ver isso depois de ser AT. Na verdade eu tinha um pouco de medo e receio



dessas trocas afetivas, afinal, aprendi na universidade que um psicólogo tinha que fazer cara de paisagem, que era preciso distanciamento, neutralidade nas relações terapêuticas. Que difícil foi estar em uma clínica como a do AT que pressupõe a todo tempo uma relação.

Ao longo do tempo fui entendendo que a clínica do AT é uma clínica que nos convoca a intimidade, muitas vezes visceral, que nos faz contar da nossa própria vida para que algo no outro possa ter efeito. E nessas minhas andanças enquanto AT. Há exatamente 6 anos, em agosto de 2019, conheci Guto<sup>2</sup>. Veio encaminhado por uma médica psiquiatra, com queixa de que Guto não tinha amigos. Só se relacionava com os amigos dos pais, não tinha uma rede apenas dele, além disso vivenciando picos de irritabilidade, sem saber direito como lidar com frustrações, na época com 27 anos.

Guto havia nascido com uma síndrome, da qual os pais pouco falavam, que eu mal ouvi o nome por muitos anos e que não aceitavam muito bem. Mas que era perceptível devido a algumas características físicas. Fui conhecer Guto e a família 2 semanas antes do meu casamento. Lembro que os avisei das minhas férias e não contei do meu casamento. (certamente hoje, o teria feito, já que a história de Guto perpassa a minha própria história e essas trocas no AT entendo como fundamentais na construção do vínculo, nas indiferenciações necessárias a partir de cada relação). Ouvi naquele encontro a missão de ampliar a rede de Guto que além de se relacionar somente com os amigos dos pais, estava focado e bastante repetitivo na intenção de estar com uma policial que havia conhecido em um Batalhão da PM que visitou e queria apenas ir ao seu local de trabalho e isso estava angustiando os pais. Ir à batalhões era a única motivação de Guto naquele momento. E vez ou outra apresentava rompantes de irritabilidade quando as coisas não saiam do jeito que queria.

Conversei com algumas colegas que trabalhavam com saúde mental, na época, sobre a necessidade desse meu AT em fazer amigos, para que pudessem pensar em algumas pessoas para compor saídas conosco, pensei em alguns outros jovens que eu atendia e estavam na mesma situação e começamos a promover saídas entre nossos acompanhados que apresentavam características parecidas. Passamos, então, a nos encontrar em locais que eles gostavam e queriam ir. Cada

---

<sup>2</sup> Nome fictício, assim como os demais nomes pessoais citados nesse artigo.



vez um escolhia o lugar. Aqui ainda configurava um grupo de saídas. Sem muitas trocas entre eles, sem tanto afeto, mas com muito desejo e diversão.

Nesses encontros jogamos boliche, andamos a cavalo, alguns dormiram em uma chácara, fomos ao clube, festa de final de ano e uma linda festa de aniversário de Guto em que pela primeira vez ele convidou pessoas que não os amigos dos pais para comemorarem com ele, agora uma festa tão sua. Com isso as famílias dos demais acompanhados também começaram a conhecer umas às outras, a ter também envolvimento e laços afetivos.

Lembro aqui que a mãe de Guto estava muito nervosa no dia da festa, preocupada por não saber como seria, se as pessoas iriam na festa, quem iria, já que foi Guto quem organizou sua festa e ele mesmo convidou as pessoas, isso nunca havia acontecido (e as pessoas foram, o grupo foi). Vejo que algo já vinha mudando nessa configuração do grupo, havia uma conexão a mais entre todos os envolvidos. Mas ainda assim um era um grupo de saídas.

Até que veio a pandemia, distanciamento, todo mundo em casa, nada de saídas presenciais, começamos a fazer oficinas online, com muitas outras pessoas de fora, algo diferente, muito legal, com muita troca de carinho e cuidado, mas sem muita coesão, sem tanta ligação de amizade entre os participantes. Mas aqui começamos a abrir as nossas casas, eles a participarem também de nossas vidas, conhecerem por exemplo a minha cozinha, o meu cachorro, a me perguntar sobre medo, sobre perder alguém da família. A entrar nessa troca afetiva de alguma maneira<sup>3</sup>.

Em 2021, a mãe de Guto, em uma de nossas conversas sobre a direção do acompanhamento com Guto, me trouxe que nosso grupo estava diferente, muito grande, mas sem a troca afetiva de amizade que havíamos proposto. Foi um balde de água fria para mim, o que me fez repensar tudo que estávamos fazendo ali naquela construção de muitos, mas com tão poucas trocas como havia sido pensado a priori. Essa fala da mãe fez remexer, repensar o que estava sendo proposto, e foi então que propomos e realizamos uma assembleia presencial com o grupo e partir dessa assembleia decidimos retomar nossos encontros presenciais, mas com a proposta de ser um AT grupal, com a ideia inicial que havíamos tido no

---

<sup>3</sup> O grupo agora acontecia através do Lugar de Encontro: Equipe de acompanhantes terapêuticos e formação em AT existente na cidade de Brasília-DF.



início, um grupo com intuito de amizade, de trocas afetivas, inclusive os AT's como participantes dessas trocas.

Nesse dia nos tornamos “o Bando de amigos”, nome escolhido para o grupo por todos nós participantes, inventado por um deles e acolhido por todos os presentes. Lembro que havia nesse encontro um acompanhado o Leo, que se encontrava em crise psicótica, muito desorganizado, sem querer fazer uso de medicação, negando o tratamento, mas super disposto a estar com o grupo, foi ele quem sugeriu o nome. Ele foi acolhido por cada integrante de uma forma muito cuidadosa.

E com o grupo Leo topava tudo, era seu “grupo de amigos”, como ele me falou algumas vezes, o grupo que o aceitou como amigo, da forma como ele conseguia ser: e assim passamos a ir nas casas uns dos outros (dos acompanhantes e acompanhados), a comemorar os aniversários, fazer comida juntos, jogos. Como o grupo ajudou Leo “a viver mais”, palavras dele. Leo fez inclusive uma festa de aniversário em que disse estar comendo “o melhor bolo de sua vida”. Um dia lindo, num final de tarde em que estávamos lá, “o bando de amigos”, famílias e Leo pedalando no Parque da Cidade-DF. Essa imagem ainda me toca até hoje. Eu me vi ali num bando de amigos, feliz, encontrando também os AT's da equipe, festejando nossos encontros, o que ficamos sem fazer por tanto tempo devido a pandemia de COVID19.

Como nem tudo são flores, nem todo setembro é amarelo e diante da dureza da realidade da vida, em setembro de 2021, Leo não suportou e tirou a própria vida. Nunca havia passado por algo tão profundamente doído em meu trabalho em saúde mental. Ficamos todos arrasados, desolados, profundamente tristes com a perda de Leo. Choramos juntos, o grupo sabia de minha ligação com Leo, e eles choraram comigo. Eu chorei com sua mãe muitas vezes, as mães choraram entre si e o grupo nos deu suporte. Foi duro.

A partir daí eu entendo que o afeto e carinho entre a gente se transformou ainda mais. O grupo passou a se cuidar, a se olhar e entender como esses encontros haviam mudado nossas vidas. A deles e também as nossas, profundamente. E eu, ora, eu estava grávida, a vida surgindo após a morte. E esse mesmo grupo mais uma vez me acolheu, nunca fui tão bem cuidada, cada acompanhado que recebia a notícia da minha gestação festejava comigo e vibrou quando fiz o chá revelação, quando descobrimos que outra amiga, companheira do



grupo também estava grávida... ganhamos um lindo chá de fraldas, surpresa, organizado pelos participantes do “Bando de amigos”. Que lindo, que intenso.

Saí de licença maternidade e fiquei surpreendida com tantas mensagens dos acompanhados querendo conhecer minha filha, ir à minha casa. E foram, levaram presentes, me conheceram no meu mais alto grau de vulnerabilidade e força: o puerpério. E logo eu que sempre fui reservada, com dificuldades de abrir a minha vida para meus acompanhados, me vi os recebendo em minha casa com suas famílias no meu cantinho mais íntimo e recebendo afeto de cada um. Que clínica do encanto. Do amor.

Me preparando para voltar ao trabalho, após licença maternidade, me vi questionando se conseguiria ser AT ainda na vida, como? Ficar horas fora de casa, disponibilidade para ser AT, de que forma? Me angustiei e me vi conversando com meus acompanhados e suas famílias sobre não saber se iria voltar. Me abrindo para eles mais uma vez sobre minhas fragilidades. E eles? Me acolheram e se adaptaram à minha nova realidade. Um AT passou a vir em minha casa nos momentos em que era a soneca da minha filha, outro passou a ser online, o outro a me encontrar perto da minha casa com tempo reduzido e o AT foi acontecendo para nós...

Me questionei muitas vezes se isso era AT... não o fiz sem pensar no que estava fazendo o tempo todo. E lembram do Guto? Nesses encontros em minha casa comecei a pensar que eu não sabia sobre a síndrome que Guto havia nascido, nem ele. E começamos a pesquisar sobre isso, síndrome de Rubinstein-Taybi<sup>4</sup>, a nos aproximar também desse lugar que Guto desconhecia. E nesse despertar sobre ser “diferente”, assim como outros integrantes do “Bando de amigos”, Guto passou a se relacionar com as pessoas que ele considerava “estranhas”, de maneira mais próxima, sem tanto estranhamento. Hoje ele liga para os amigos do grupo para pedir carona, sai com eles sem que o AT esteja, deseja ir em suas festas de aniversário e vai, foi a festa junina com amigos.

Guto está se encontrando e eu também. Outro dia ele me ligou quando eu já estava em casa, convivendo com minha filha, agora com 1 ano e 5 meses. Eu

<sup>4</sup> Doença rara, pouco conhecida pela sociedade. Causada por anomalia do cromossomo 16. As pessoas com essa condição apresentam dificuldades físicas e mentais, anormalidades craniofaciais e hálux e polegares. Acesso em: <https://artsbrasil.org.br/>



atendi, minha filha, falou “papai”, achando que era o papai do outro lado... eu disse a ela que era o Guto e ela repetiu “Guto”. Guto do outro lado me disse que ia chorar de tanta felicidade e não estava acreditando que ela já estava falando o nome dele.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nenhuma de cada uma dessas experiências enquanto acompanhante terapêutica foi vivida sem a posteriori pensar e repensar a partir de cada intervenção, inclusive o lugar da clínica, e o que tem de clínico na práxis do AT, nessas alianças que vão se formando a cada encontro na vida cotidiana.

Entendo que cada situação e seus impasses mais complexos necessitam de intervenções diversas e um amplo campo de possibilidades, assim como nos diz Franco; Galavote, 2010 “não existe uma clínica que seja suficiente para o cuidado de um sujeito que sofre” clínicas juntas vão compor o cuidado necessário.

E que acompanhante-acompanhado possa construir relações éticas a cada troca afetiva a partir do acompanhamento terapêutico. Nesse sentido, não havendo então, normatização, regras, ensinamentos, mas essa operação de aliança em que cada sujeito vai se ajudar mutuamente a encontrar possibilidades de vida e singularidades. As combinações vão se dando e sendo criadas na própria vida vivida, variando conforme os sujeitos inseridos nessa composição. Extrapolando qualquer tentativa de nomeação, nos bastando viver cada um desses encontros. (BARBOSA, 2006)

Essa é a clínica dos afetos, da afetividade, das relações e do amor da qual eu faço parte.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARAÚJO, F. Um passeio Esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos à política da amizade. Niterói, RJ: 2007

BARBOSA, A. C. Textos, texturas e tessituras no acompanhamento terapêutico. Org. Equipe de acompanhantes terapêuticos do Instituto a casa. Ed. Hucitec. 2006.

FRANCO, T. B.; HUBNER, L. C. M. Clínica, cuidado e subjetividade: afinal, de que cuidado estamos falando? Saúde Debate. Rio de Janeiro, v.43, N. Especial 6, P. 93-103, Dez 2019.

FRANCO, T. B. e Galavote, H. S. Em Busca da Clínica dos Afetos, in, Franco, T.B. & Ramos, V.C. “Semiótica, Afecção e Cuidado em Saúde”. Hucitec, São Paulo, 2010.



MARTINS, R. H. G; BUENO, E. C; FIORAVANTI, M. P; Síndrome de Rubinstein-Taybi: anomalias físicas manifestações clínicas e avaliação auditiva. *Rev. Bras.Otorrinolaringol* . vol.69 no.3 São Paulo May/June 2003. Site consultado: ARTS - [www.artsbrasil.org.br](http://www.artsbrasil.org.br), acessado em 03 de novembro de 2023.

SILVEIRA, R.W.M. Relação entre acompanhante e acompanhado: reflexões acerca do dispositivo amizade-clínica. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, n. 3, p. 333-340, set.-dez. 2016

SUY, A. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. Ed. Planeta do Brasil. 5ª ed. São Paulo, 2022.